

## O APOCALIPSE DE JOÃO

Neste número de Atitude, vamos nos deter no estudo do último livro do Novo Testamento. Não é o livro mais fácil da Bíblia, o que certamente o torna um desafio especial. Da mesma forma que a geladeira de nossas casas tem diversos tipos de alimento para nossos corpos, a Escritura tem diversos tipos de livros e autores. Cada um deles quer alimentar uma determinada área da nossa vida. Espiritualmente, precisamos de todos eles. Para um crente que quer crescer na sua vida cristã, estudar o Apocalipse não é uma opção, é uma necessidade.

Em função disso, fica aqui o meu convite para que caminhemos juntos durante estes 13 estudos. A metodologia adotada foi desenvolver uma parte maior de exposição bíblica, com foco em questões de interpretação dos textos, auxiliada por uma porção menor de aplicação devocional. Em alguns momentos, espera-se que o próprio leitor aplique o texto à sua vida. Em outros, a própria revista sugere uma aplicação.

Nosso objetivo maior é que o Apocalipse de João nos aproxime cada vez mais do nosso Senhor Jesus, aumente nosso amor por sua obra e transforme nossa maneira de viver neste mundo enquanto aguardamos ansiosos o seu retorno glorioso.

Bons estudos.

# Atitude

REVISTA DO JOVEM CRISTÃO

**Atitude Aluno** é uma revista que destina-se aos jovens (18 a 35 anos), contendo lições para a Escola Bíblica Dominical, artigos gerais, passatempos bíblicos e outras matérias que promovem o aperfeiçoamento do jovem nas mais diferentes áreas

Copyright © Convicção Editora  
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização  
por Convicção Editora  
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

## Endereços

Caixa Postal, 13333 – CEP: 20270-972  
Rio de Janeiro, RJ  
Telegráfico – BATISTAS

## Editor

Sócrates Oliveira de Souza

## Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida (RP/16897)

## Redação

Valtair Afonso Miranda

## Produção Editorial

Oliverartelucas

## Produção e Distribuição

Convicção Editora  
Tel.: (21) 2157-5567  
Rua José Hígino, 416 – Prédio 16  
Sala 2 – 1ª Andar – Tijuca  
Rio de Janeiro, RJ  
CEP 20510-412  
convicao@convicaoeditora.com.br

ISSN 1984-8633  
LITERATURA BATISTA  
ANO CXIV – Nº 456

## AUTOR DOS ESTUDOS DA EBD

O autor dos estudos deste número de Atitude é o pastor **Valtair Afonso Miranda**. Ele é graduado em Teologia pela FTSA; graduado e licenciado em História pela UNIVERSO; mestre em Teologia pelo STBSB; mestre em Ciências da Religião pela UMESP; doutor em Ciências da Religião pela UMESP; doutor em História pela UFRJ. É professor de Novo Testamento e História da Igreja na Faculdade Batista do Rio de Janeiro/Seminário do Sul, onde atua como diretor acadêmico. É autor de várias obras, entre elas *O caminho do Cordeiro* (Paulus Editora), *Fundamentos da Teologia Bíblica* (Editora Mundo Cristão), *Lutero: história, poder e palavra* (Fonte Editorial), *Mártires e monges: milenarismos antigos e medievais* (Kapenke), *Atos apócrifos de Pedro* (Paulus Editora) e *Espiritualidade Apocalipse: o Apocalipse ao alcance de todos* (Litteris Editora).

## nota da redação

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, as opiniões do corpo redatorial da revista

## //SUMÁRIO

### //EBD

Lição 1 – Apocalipse – o livro da revelação .....	12
Lição 2 – Vocação para a revela�o.....	17
Li�o 3 – Cartas às igrejas – I .....	22
Li�o 4 – Cartas às igrejas – II.....	27
Li�o 5 – O início da visão.....	32
Li�o 6 – A visão do livro e dos selos .....	37
Li�o 7 – A visão das trombetas.....	42
Li�o 8 – A visão da luta entre o bem e o mal .....	47
Li�o 9 – A visão dos remidos e do juízo .....	52
Li�o 10 – A visão das taças com as pragas.....	57
Li�o 11 – A visão da vitória do bem.....	62
Li�o 12 – A visão dos fins dos tempos.....	67
Li�o 13 – A nova Jerusalém .....	72

### //SEMPRE EM ATITUDE

Leitura bíblica .....	4
Tema da EBD .....	5

### //AINDA EM ATITUDE

Caminhos de Deus.....	77
Em busca de uma educa�o cristã abrangente.....	78
Passatempo bíblico: Se você somar.....	85
Depressão: vamos falar sobre isso?.....	87

# » LEITURA BÍBLICA

## **Semana 1**

SEG Daniel 7  
TER Daniel 8  
QUA Daniel 9  
QUI Daniel 10  
SEX Daniel 11  
SÁB Daniel 12  
DOM Apocalipse 1.1-8

## **Semana 2**

SEG Mateus 24.1-14  
TER Mateus 14.15-28  
QUA Mateus 24.29-41  
QUI Mateus 24.42-44  
SEX Mateus 24.45-51  
SÁB Mateus 25.31-46  
DOM Apocalipse 1.9-20

## **Semana 3**

SEG Apocalipse 2.1-7  
TER Apocalipse 2.8-11  
QUA Apocalipse 2.12-15  
QUI Apocalipse 2.16-17  
SEX Apocalipse 2.18-21  
SÁB Apocalipse 2.22-25  
DOM Apocalipse 2.26-29

## **Semana 4**

SEG Apocalipse 3.1-3  
TER Apocalipse 3.4-6  
QUA Apocalipse 3.7-9  
QUI Apocalipse 3.10-13  
SEX Apocalipse 3.14-17  
SÁB Apocalipse 3.18-19  
DOM Apocalipse 3.20-22

## **Semana 5**

SEG Apocalipse 4.1  
TER Apocalipse 4.2,3  
QUA Apocalipse 4.4  
QUI Apocalipse 4.5,6  
SEX Apocalipse 4.7,8  
SÁB Apocalipse 4.9,10  
DOM Apocalipse 4.11

## **Semana 6**

SEG Apocalipse 5.1-4  
TER Apocalipse 5.5-14  
QUA Apocalipse 6.1-6  
QUI Apocalipse 6.7-11  
SEX Apocalipse 6.12-17  
SÁB Apocalipse 7.1-8  
DOM Apocalipse 7.9-17

## **Semana 7**

SEG Apocalipse 8.1-9  
TER Apocalipse 8.10-13  
QUA Apocalipse 9.1-12  
QUI Apocalipse 9.13-21  
SEX Apocalipse 10.1-11  
SÁB Apocalipse 11.1-14  
DOM Apocalipse 11.15-19

## **Semana 8**

SEG Apocalipse 12.1-6  
TER Apocalipse 12.7-12  
QUA Apocalipse 12.13-18  
QUI Apocalipse 13.1-6  
SEX Apocalipse 13.6-10  
SÁB Apocalipse 13.11-14  
DOM Apocalipse 13.15-18

## **Semana 9**

SEG Apocalipse 14.1-3  
TER Apocalipse 14.4,5  
QUA Apocalipse 14.6,7  
QUI Apocalipse 14.8-11  
SEX Apocalipse 14.12,13  
SÁB Apocalipse 14.14-16  
DOM Apocalipse 14.17-20

## **Semana 10**

SEG Apocalipse 15.1-4  
TER Apocalipse 15.5-8  
QUA Apocalipse 16.1-6  
QUI Apocalipse 16.7-9  
SEX Apocalipse 16.10,11  
SÁB Apocalipse 16.12-16  
DOM Apocalipse 16.17-21

## **Semana 11**

SEG Apocalipse 17.1-6  
TER Apocalipse 17.7-18  
QUA Apocalipse 18.1-3  
QUI Apocalipse 18.4-16  
SEX Apocalipse 18.17-24  
SÁB Apocalipse 19.1-10  
DOM Apocalipse 19.11-21

## **Semana 12**

SEG Apocalipse 20.1-6  
TER Apocalipse 20.7-10  
QUA Apocalipse 20.11-15  
QUI Apocalipse 21.1-5  
SEX Apocalipse 21.6-8  
SÁB Apocalipse 21.9-15  
DOM Apocalipse 21.16-27

## **Semana 13**

SEG Apocalipse 22.1-5  
TER Apocalipse 22.6  
QUA Apocalipse 22.7  
QUI Apocalipse 22.8-10  
SEX Apocalipse 22.11-13  
SÁB Apocalipse 22.14-17  
DOM Apocalipse 22.18-21

# A ESTRUTURA DO APOCALIPSE DE JOÃO

VALTAIR A. MIRANDA

RIO DE JANEIRO, RJ

O Apocalipse é um livro difícil de ser esboçado. Curiosamente, em uma primeira leitura, ele dá a impressão do contrário. Logo em Apocalipse 1.19 surge a frase: *“Escreve, pois, as coisas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer depois destas”*. Parece que esta expressão teria alguma importância no esquema do livro. Esta sensação é reforçada pelas séries de imagens numeradas que aparecem no livro: sete cartas, sete selos, sete trombetas e sete taças.

Ledo engano. Esta impressão sucumbirá no emaranhado de visões que serão despejadas depois de Apocalipse 4.1. É fácil perder a sequência do texto. As imagens são interrompidas com frequência ou intercaladas por interlúdios. Além dis-

so, há um número grande de retomadas ou repetições temáticas ou textuais. Entretanto, imaginar o livro como uma profusão desconexa de visões também não faz jus a um texto que foi escrito para ser lido e ouvido no contexto de culto das igrejas. O macarismo de Apocalipse 1.3 insinua que uma boca e vários ouvidos deveriam acompanhar as palavras do Apocalipse: *“Bem-aventurado aquele que lê e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo”*. Algumas versões em português insistem em manter os dois verbos no plural (leem e ouvem), mas o texto original em grego traz apenas o primeiro no singular (aquele que lê), enquanto o segundo está no plural (os que

ouvem). O texto foi projetado para que fosse lido por uma pessoa, enquanto era ouvido por toda a congregação de crentes.

Nesse sentido, espera-se realmente que o seu autor tenha deixado marcas de estrutura e mecanismos que ajudassem os ouvintes a acompanharem a narrativa. Afinal, em um texto que foi destinado primeiramente para ser ouvido, a estrutura deveria aparecer em marcas linguísticas para indicar o desenvolvimento das visões apresentadas.

Para tentar apontar alguns caminhos, vou apresentar a forma como um conhecido comentarista do Apocalipse tratou desse problema, e depois sugerir um esboço que tenho usado em minhas leituras.

## **ESTRUTURA DRAMÁTICA EM ATOS CÊNICOS**

Um autor americano, Edward McDowell, escreveu um comentário com base na premissa de que o Apocalipse constitui um drama estruturado em atos cênicos. Para ele, o livro é formado por uma série de quadros ou cenas. É como uma grande peça teatral montada para trazer aos leitores-ouvintes-plateia o grande drama da soberania de Deus. Seu esboço do Apocalipse ficou assim:

### **INTRODUÇÃO – 1-3**

I. Credenciais do autor e propósito – 1

II. Cartas às sete igrejas – 2-3

PRIMEIRO ATO – Deus proclama sua soberania sobre o mundo – 4-11

1ª cena: a visão da corte celestial – 4-5

2ª cena: os seis selos: o drama do sofrimento humano – 6

3ª cena: prelúdio na ruptura do sétimo selo – 7

4ª cena: o sétimo selo (as trombetas – a tragédia da humanidade impenitente) – 8-9

5ª cena: o profeta e o livro – 10

6ª cena: medição do templo, os dois profetas e o grande terremoto – 11.1-14

7ª cena: a sétima trombeta: proclamação da soberania de Deus sobre o mundo – 11.15-19

SEGUNDO ATO – O conflito entre soberanias e a vitória de Deus – 12.1-22.5

1ª cena: o nascimento do Messias e Satã – 12

2ª cena: Satã luta contra Cristo por meio das duas bestas – 13

3ª cena: sete certezas sobre o grande conflito entre Cristo e Satã – 14

4ª cena: visão dos setes anjos com as taças da ira de Deus – 15-16

5ª cena: o julgamento da Babilônia – 17.1-19.5

6ª cena: a vitória de Cristo sobre Satã e as bestas – 19.6-20.10

7ª cena: o juízo, o novo céu, a nova terra e a Nova Jerusalém – 20.11-22.5

## EPÍLOGO – A conclusão do livro – 22.6-21

O autor inicia a discussão do primeiro ato alertando para o fato de que as coisas reveladas no Apocalipse não pertencem à esfera do tempo. O livro descortinaria um drama cósmico que pertence, em parte, ao contexto histórico. Assim, ênfases em esquemas cronológicos podem violar o espírito do livro.

No Apocalipse, Cristo tem a chave dos mistérios contidos no rolo selado. Somente ele conquistou o direito de revelar esses mistérios e interpretá-los. Os selos seriam, então, uma cena de natureza essencialmente conteudística. Ou seja, não é o quebrar dos selos que detona os acontecimentos; quebrá-los apenas revela os eventos.

O autor intitula os seis selos de “o drama do sofrimento humano”. O objetivo dessas imagens era revelar e, então, confortar os leitores por meio da afirmação de que, apesar da situação de crise, Deus tinha tudo sob controle. As visões interpretam certos fatos e incidentes históricos contemporâneos às comunidades da Ásia Menor no final do primeiro século em sua relação com o evangelho de Jesus Cristo e com a soberania de Deus. João espera para breve os eventos, mas não fixa data nem prazo.

O sétimo selo tem dentro de si uma série de sete trombetas, que representam

a tragédia da humanidade impenitente. Esses flagelos têm uma limitação precisa e simbolizam a operação contínua, na história da humanidade, dos efeitos do pecado e do mal.

Com a sétima trombeta, finalmente afirma-se a soberania de Cristo sobre o mundo, efetiva e permanentemente. Essa visão representa o estabelecimento do reino de Deus, em Cristo, com o nascimento do Messias e a consumação do seu ministério sobre a terra.

A segunda parte do livro começa no capítulo 12, com a cena da mulher e o dragão. É uma cena que dramatiza o nascimento do Messias e o começo do seu reinado eterno. Para McDowell, a mulher representa Israel, ou aquela porção de Israel da qual nasceu o Messias. É verdade, entretanto, que quando está sendo perseguida pelo dragão, aparentemente, já representa a comunidade cristã. Ele argumenta que, em um contexto judaico, a cena deveria ser lida como uma referência ao nascimento do Messias da nação; mas no seu contexto atual e cristão, refere-se ao nascimento de Cristo.

A narrativa da queda do dragão não é, necessariamente, da sua derrota, mas da sua invasão na história humana, já que ele encarnará nos céсарes a sua obstinada resistência ao povo de Deus. O conflito na terra é entre a cristandade e os impérios e, nesse caso, entre Cristo

e Satã. Com isso, João está lidando de frente com o problema da adoração do imperador, que afetava as igrejas daquele período.

McDowell interpreta a primeira besta como o imperador, ou os césores, e a segunda besta, como o sacerdote do imperador, ou os oficiais do culto imperial. Ele afirma que o poder dos sacerdotes do culto imperial era tão grande que podiam impor ostracismo social e econômico sobre aqueles que recusassem participar do culto ao imperador.

Quanto às taças, elas representam o derramar efetivo da ira de Deus sobre o governo idólatra da terra. Nesse contexto, Babilônia representa Roma, que prefigura qualquer governo humano que se levanta contra Deus ou que assume posição divina.

Nos capítulos 17-19, da mesma forma como o povo de Deus já aparecera simbolizado por uma mulher, a cidade de Roma surge na forma de uma grande meretriz. É uma descrição profética da queda de Roma, uma profecia que se cumpriu na longa série de desastres em que a cidade sofreu nas mãos dos exércitos que invadiram o Ocidente nos séculos 5 e 6.

O livro profetiza a conquista de Cristo sobre as soberanias do mundo, mas por meio da sua palavra pregada. É por ela que ele continua sua conquista na história. Nesse sentido, o milênio é o pe-

ríodo compreendido entre a primeira e a segunda vinda de Jesus. Satanás está limitado, mas não destruído. O período de mil anos, segundo o Apocalipse, começou com a entronização de Cristo com o Messias à destra de Deus.

McDowell vê no Apocalipse, assim, toda história cristã interpretada em função de um conflito entre o bem e o mal. Uma situação sem solução, a não ser aquela intervenção cósmica dos últimos tempos. Mas é justamente essa intervenção a menor parte do livro. Quando a obra termina, João já registra o estado da nova realidade em Cristo, após a consumação. A vinda de Cristo já aconteceu, mas o Apocalipse não a registrou ou descreveu. Possivelmente, a preocupação maior de João era mesmo com o conflito do seu próprio tempo. O tempo do fim pertence somente a Deus.

## AS TRÊS SEÇÕES DO APOCALIPSE

Apesar de importantes elementos encontrados na sugestão de McDowell, acredito que um dos mais persuasivos esboços dos tempos recentes veio de um autor americano no seu comentário ao Apocalipse, David Barr. Não o acompanho totalmente, mas usarei várias de suas sugestões na estrutura que vou propor a seguir e nos apontamentos interpretativos da revista inteira.

Divido, então, o Apocalipse de João em três seções principais, emolduradas em



uma estrutura epistolar (os versículos 1.1-3 formariam o prefácio; enquanto 22.6-21, a conclusão):

- Primeira seção (1.4-3.22);
- Segunda seção (4.1-11.18);
- Terceira seção (12.1-22.5).

Segue, abaixo, o esboço completo:

## **Prefácio (1.1-3)**

### **1. Primeira seção (1.4-3.22)**

#### **2. Segunda seção (4.1-11.19)**

O trono de Deus e seu culto (4.1-11)

A visão do livro selado com o conseqüente culto ao Cordeiro (5.1-14)

O rolo selado com sete selos (6.1-11.19)

Selo 1 – Cavalo branco – (6.1,2)

Selo 2 – Cavalo vermelho – (6.3,4)

Selo 3 – Cavalo preto – (6.5,6)

Selo 4 – Cavalo amarelo – (6.7,8)

Selo 5 – Os mártires debaixo do altar – (6.9-11)

Selo 6 – Juízo escatológico – (6.12-17)

Interlúdio – (7.1-17)

Cento e quarenta e quatro mil selados – (7.1-8)

Grande multidão – (7.9-17)

Selo 7 – Sete trombetas (8.1-11.19)

Oração dos santos – (8.1-6)

Trombeta 1 – Granito e fogo sobre a terra – (8.8,7)

Trombeta 2 – Mar torna-se sangue – (8.8,9)

Trombeta 3 – Estrelas tornam os rios amargos – (8.10,11)

Trombeta 4 – Sol, lua e estrelas escurecem – (8.12,13)

Trombeta 5 – Gafanhotos sobem do abismo para causar dor – (9.1-12)

Trombeta 6 – Quatro anjos e um exército matam seres humanos – (9.13-21)

Interlúdio – (10.1-11.14)

O visionário come um livrinho – (10.1-11)

O visionário mede o santuário – (11.1,2)

As duas testemunhas – (11.3-14)

Trombeta 7 – Vozes anunciam a chegada do reino – (11.15-19)

### **3. Terceira seção (12.1-22.5)**

A origem da guerra – (12.1-18)

Os aliados do dragão – (13.1-18)

A besta do mar – (13.1-10)

A besta da terra – (13.11-18)

A resposta do Cordeiro – (14.1-22.5)

O ajuntamento de cento e quarenta e quatro mil guerreiros – (14.1-5)

O anúncio dos três anjos – (14.6-12)

A bem-aventurança dos mortos no Senhor – (14.13)

O juízo como uma ceifa – (14.14-20)

As sete taças da ira – (15.1-16.21)

Os vencedores cantam pela vitória – (15.1-8)

Taça 1: Dores nos marcados pela besta – (16.1-2)

Taça 2: O mar se torna sangue – (16.3)

Taça 3: Os rios se tornam sangue – (16.4-7)

Taça 4: O sol provoca feridas – (16.8,9)

Taça 5: Trevas no trono da besta – (16.10-11)

Taça 6: Rio Eufrates seca e a coalizão do dragão se reúne – (16.12-16)

Taça 7: Juízo sobre Babilônia – (16.17-21)

Interlúdio – (17.1-18.24)

A prostituta destruída – (17.1-18)

Hino fúnebre pela queda da Babilônia – (18.1-24)

Celebração no céu pela queda da Babilônia – (19.1-4)

O culto no céu anuncia as bodas do Cordeiro – (19.5-10)

A primeira ofensiva do guerreiro divino – (19.11-21)

Intervalo de paz por mil anos – (20.1-6)

A segunda ofensiva do guerreiro divino – (20.7-10)

O juízo final – (20.11-15)

As bodas do Cordeiro – (21.1-22.5)

**Conclusão (22.6-21)**

João inicia sua obra com a narrativa do aparecimento do Filho do homem, que o vocaciona a escrever sete cartas para um grupo de igrejas da Ásia Menor: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatiara, Sardes, Filadélfia e Laodiceia. Nas cartas, a majestosa figura celestial faz ameaças, elogios e promessas, e termina cada carta com um convite para que os leitores se aliem ao grupo dos vencedores (Ap 2.7,11,17,26; 3.5,12,21).

Na segunda seção do livro, João é levado em espírito por uma porta aberta no céu. Nesse lugar, ele presencia uma sucessão de atos litúrgicos. Durante o culto celestial, o visionário é apresentado aos principais personagens do livro, que o acompanharão até o final: o ancião sentado sobre o trono, os quatro viventes, os vinte e quatro anciãos e vários seres angelicais. O principal personagem, entretanto, é o Cordeiro. É ele quem, durante uma parte do culto, recebe um rolo selado com sete selos, que serão quebrados para revelar a João a natureza de eventos que se deram ou se darão sobre a comunidade de santos. Cada selo corresponde a uma revelação, até o sétimo que, em vez de encerrar a série, se desdobra em outro grupo de sete elementos, desta vez, em sete trombetas. Como os selos, cada trombeta está relacionada a um evento, em uma escala crescente de intensidade, que culmina com a

audição de um hino que comemora o reinado do Cordeiro e a abertura do santuário celestial.

A terceira parte do livro não se concentra mais no culto (apesar de ainda descrever, vez por outra, cenas litúrgicas no céu), mas em uma guerra. O conflito começa quando o Dragão Vermelho falha tanto em destruir a criança messiânica quanto no confronto com Miguel e seus anjos no céu. Derrotado, foi expulso para a terra. Sua reação é instaurar uma guerra contra os demais filhos da mãe da criança messiânica, “os que guardam os mandamentos de Deus e apresentam o testemunho de Jesus” (Ap 12.17). Sua estratégia bélica consiste em levantar duas bestas, uma do mar e outra da terra. São elas que implementam o conflito. Os lados do confronto são logo definidos, já que as bestas marcam seus aliados com um número na testa e na mão. Em contrapartida, os aliados do Cordeiro recebem seu selo, o que define também o início da reação na guerra contra o Dragão, as bestas e seus aliados. Sobre o Monte Sião, 144 mil homens virgens se reúnem em volta do Cordeiro, prontos para seguir com ele aonde ele for. Do confronto inicial, entretanto, resulta a morte desses guerreiros, cujo sangue é derramado em grande quantidade, descrito como uma ceifa escatológica. Mas suas mortes não represen-

tam suas derrotas, já que eles aparecem logo depois como os vencedores sobre um mar de vidro, cantando o cântico de Moisés e do Cordeiro. Essas mortes completam o sangue que precisa ser derramado, provocando a ira de Deus sobre a humanidade, na forma de sete taças. Cada taça é derramada sobre elementos da terra, até que a última atinge a própria Babilônia, acusada de derramar o sangue dos profetas, dos santos e de todos que morreram. Após o juízo sobre a grande cidade, finalmente, o guerreiro celestial desce do céu com suas hostes para enfrentar a coalizão adversária. Sua vitória se dá em duas fases. Na primeira, as bestas são lançadas em um lago de fogo, todo seu exército é morto com a espada que sai da sua boca e o Dragão é preso por mil anos. A segunda fase da guerra só se levanta após o término desse período intermediário de paz, quando o Dragão, novamente solto, mobiliza outro exército contra os santos. O fim dessa coalizão, entretanto, é uma nova derrota, dessa vez definitiva, quando o Dragão é jogado no mesmo lago de fogo onde já estavam as duas bestas. Seu exército também é queimado com fogo que cai do céu. Com o fim da guerra escatológica, o visionário finalmente descreve as bodas do Cordeiro, a descida da Nova Jerusalém, o lar final dos santos de Deus.

## 1

## LIÇÃO

**TEXTO BÍBLICO**

APOCALIPSE 1.1-8

**TEXTO ÁUREO**

APOCALIPSE 1.8

# APOCALIPSE

## O LIVRO DA REVELAÇÃO

**» PRA COMEÇAR**

O Apocalipse de João é um dos livros mais difíceis de toda a Bíblia. Assim, é possível ser edificado pelo último livro do Novo Testamento sem se deixar abater pelas dificuldades de sua interpretação? Eu quero demonstrar que é possível sim. A história da leitura do Apocalipse é cheia de drama, com um número impressionante de variáveis, mas entendo que esse livro não está na Bíblia por acaso. Ele faz parte das Escrituras Sagradas e, conseqüentemente, é também alimento espiritual para os filhos de Deus. O que nós precisamos fazer é o mesmo quando temos qualquer desafio diante de nós: nos esforçar um pouco mais. Além de um certo esforço pessoal, também pediremos ajuda ao Espírito Santo para que nos capacite nesta tarefa. Assim, com esforço e orientação espiritual, nos dedicaremos ao livro da Ilha de Patmos.

# » COMENTANDO O TEXTO BÍBLICO

## A APRESENTAÇÃO DO LIVRO (Ap 1.1,2)

É importante que tenhamos uma ideia geral de quem escreveu uma obra, seu público imediato e seu propósito para que nossa interpretação tenha certa segurança. Ler um livro bíblico ignorando completamente estas questões pode ser o caminho mais rápido para a má compreensão. No caso do Apocalipse, ele trata disso logo nas suas palavras iniciais. Ele faz questão de dizer que o propósito da obra é a revelação de Jesus Cristo.

A expressão “revelação de Jesus Cristo” tem três sentidos. Num primeiro momento, indica o conteúdo da revelação. É uma revelação da pessoa de Jesus e sua obra. Esta obra, como o leitor perceberá durante a leitura, é a revelação de como Jesus implementará seu reino. Durante todo o livro, Jesus é apresentado, sua missão é esclarecida, seu reino é descortinado.

O termo encontrado na língua original é “apocalipsis”. Seu significado é “descortinamento”, mostrar o que está oculto. Isso significa que a obra não quer esconder, mas descortinar a pessoa de Jesus.

Quem lê o Apocalipse precisa ver Jesus. Ele é o tema principal da obra.

A expressão “revelação de Jesus Cristo” significa, também, num segundo momento, propriedade. A revelação é de Jesus, dada por Deus. Ninguém poderia dizer-se dono das informações e elementos entregues a João. João poderia até ser o porta-voz, mas o dono era Jesus. E, num terceiro momento, a mesma expressão aponta para a origem da revelação. Ela vem de Jesus Cristo.



*A obra não quer esconder, mas descortinar a pessoa de Jesus. Quem lê o Apocalipse precisa ver Jesus*

Ele é seu ponto de partida, de onde vêm as mensagens que deveriam ser encaminhadas para os “servos de Jesus”, ou seja, os membros das igrejas que leriam o Apocalipse.

Se Jesus é a origem, o proprietário e o conteúdo da revelação, qual é o papel de João nisso tudo? Ele é o profeta que servirá de canal para a revelação. É um princípio de fé dos batistas que a Bíblia é a Palavra de Deus, revelada a pessoas escolhidas por Deus e fixada de forma escrita por meio da inspiração do Espírito Santo. Este princípio se aplica a todos os livros da Bíblia, desde os livros do Antigo Testamento, como Gênesis e Crônicas, até as obras do Novo Testamento, como Evangelhos e cartas paulinas. Mas uma compreensão equilibrada da revelação e inspiração também leva em conta a pessoa do autor bíblico. Ele foi separado e capacitado por Deus, e isso nos impele a perguntar por sua intenção ao escrever certa passagem bíblica. Ele não é uma mera máquina de escrever do Espírito Santo. Suas capacidades, como palavras e perspectivas, foram usadas por Deus no processo de gerar a Bíblia. É por isso que nos aproximamos da Escritura como um livro de duas naturezas. Ela é simultaneamente Palavra de Deus e Palavra de homem. Ela é Palavra de Deus por meio de palavras e pensamentos humanos. Esta é a base da hermenêu-

*Ela é  
simultaneamente  
Palavra de Deus  
e Palavra de  
homem. Ela  
é Palavra de  
Deus por meio  
de palavras e  
pensamentos  
humanos*

tica bíblica. É isso que nos capacita a interpretar a Bíblia.

Isso tudo é para apontar o lugar de João no Apocalipse. Ele é aquele que recebeu de Jesus diversas revelações. No seu livro, ele narra, em primeira pessoa, o momento em que as recebeu. Enquanto narra, ele se insere na revelação e se torna parte dela. É como um homem que conta uma história e se insere nela como personagem da história que conta.

Além de porta-voz das revelações de Jesus, João também é o autor do livro do Apocalipse, no qual ele apresenta as revelações recebidas. No papel de autor,

ele não apenas transmite as revelações com suas palavras, mas as organiza e atualiza para que façam sentido para as igrejas que leriam o Apocalipse posteriormente. Isso significa que durante nosso estudo do Apocalipse faremos menção constantemente a João e aos primeiros leitores do Apocalipse na tentativa de entender o livro como ele esperava ser compreendido.

Como os demais autores da Bíblia, João escreveu um livro para ser compreendido por determinado público. Entendo que a interpretação do Apocalipse deve partir do significado que aqueles primeiros leitores encontraram nas mensagens que João lhes escreveu, e somente, então, aplicarmos as palavras à nossa vida, para edificação espiritual, ou olharmos para o futuro, como revelação profética escatológica.

## **UMA ORIENTAÇÃO IMPORTANTE (Ap 1.3)**

O versículo 3 do Apocalipse contém uma bênção: “Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo”. Ela indica como o livro deveria ser recebido pelas igrejas. Uma pessoa o tomaria e leria para todos os outros membros. Naquela época, a prática mais comum nas igrejas ou nas sinagogas judaicas era de leitura co-

munitária. Raramente eles liam individualmente um livro bíblico. As pessoas nem tinham esses livros em casa. Era em grupo, com a igreja reunida, que um livro era separado e lido para todos ouvirem. Isso indica que o Apocalipse era mais ser ouvido do que lido, o que faz uma significativa diferença na hora de compreendê-lo. É possível entender então que ele apresente marcas de audição, para favorecer o acompanhamento da leitura pública. As principais marcas aparecem na forma de sete selos, sete trombetas e sete taças, mas muitas outras podem ser encontradas por meio de uma audição atenta. Minha sugestão, neste caso, é indicar que sua audição seja recuperada. Experimentemos ouvi-lo, como os primeiros crentes o fizeram. Há algumas formas de fazermos isso:

- Podemos providenciar uma Bíblia em áudio. Há várias disponíveis atualmente, tanto para uso em aparelhos de CD ou DVD, quanto para uso em computadores ou players de música (em formato mp3, por exemplo). Elas podem ser encontradas em livrarias especializadas na distribuição da Bíblia, ou mesmo na internet;
- Podemos pedir a uma pessoa querida, como o cônjuge, um amigo ou um filho, para que leia o livro enquanto o escutamos.

## » A LIÇÃO EM FOCO

- O Apocalipse é a Palavra de Deus para os filhos de Deus dos dias de hoje, tanto quanto foi para os de ontem, e será para os de amanhã. Devemos nos alimentar dele como alimento espiritual, da mesma forma como fazemos com qualquer outro texto bíblico. Da mesma forma como há tipos diferentes de alimento na dispensa, e cada um deles é útil para nosso corpo, há diversos livros na Bíblia, e cada um deles é útil para edificar algum aspecto distinto da nossa vida espiritual. Não permita que as dificuldades próprias do último livro da Bíblia o impeça de se apropriar de suas lições espirituais.
- O Apocalipse de João não foi escrito para produzir medo e, sim, certeza da vitória em Cristo Jesus. Ele é um livro para incitar a esperança e não o pavor. Há imagens dolorosas no livro, bem como visões muito violentas, mas todas terminam com a mensagem de que o reino de Cristo será implementado no final.

## » PRA TOMAR UMA ATITUDE

No caminho de Emaús (Lc 24.13-35), dois seguidores de Jesus andaram um bom tempo do seu lado sem reconhecê-lo. Olhavam para ele, mas não viam ou percebiam seu Senhor. Tem gente que lê o Apocalipse e não percebe ou vê Jesus. Olha para ele, mas não o enxerga. Consegue ver muita coisa, como besta e dragão, mas não atenta para Jesus. Isso é uma pena, porque o Apocalipse é justamente a “revelação de Jesus Cristo”.



# VOCAÇÃO PARA A REVELAÇÃO

**TEXTO BÍBLICO****APOCALIPSE 1.9-20****TEXTO ÁUREO****APOCALIPSE 1.9**

## » PRA COMEÇAR

O que distingue um seguidor de Jesus de alguém que não o tem como Senhor? Há alguma diferença entre um cristão e um não-cristão? Estas perguntas fazem todo o sentido hoje, da mesma forma como faziam na época do Apocalipse. Elas querem responder à questão sobre a forma como um crente deve se portar no meio de uma sociedade hostil ao senhorio de Cristo.

## » COMENTANDO O TEXTO BÍBLICO

O Apocalipse fala de dragões e mulheres gigantes, de bestas e águias, de anjos e livros comestíveis. Fala essencialmente de Jesus, é verdade, mas se concentra no Jesus glorificado, descrito como o Filho do homem ou o Cordeiro que morreu e ressuscitou. Para falar de coisas dessa natureza, a linguagem do cotidiano tem suas limitações. Como descrever a glorificação de Jesus de Nazaré? Como descrever o trono em que assenta o Deus Todo-poderoso? Como descrever seres sobrenaturais que povoam os céus? Não temos nenhum objeto ou instituição humana em nossa realidade para descrever algo que extrapola o que é natural. Como falar dessas coisas? Precisamos recorrer aos símbolos e imagens que, por meio de analogia, querem explicar o que dificilmente pode ser explicado. João faz isso. O resultado é uma obra repleta de símbolos e narrativas simbólicas que precisam, em vários momentos, da ajuda do próprio autor para serem interpretados.

Assim, um símbolo é um elemento da realidade cotidiana (pode ser um objeto, uma coisa ou até um acontecimento) que significa algo além do seu sentido próprio. Para descobrir o significado

de um símbolo pode-se recorrer a algumas fontes. A primeira fonte é a interpretação do próprio João. Às vezes, João decifra um ou outro símbolo. Por exemplo, na primeira visão de Jesus, ele o vê como um Filho do homem caminhando no meio de sete candeeiros de ouro. Após descrever este personagem impressionante, ele esclarece que cada candeeiro é uma igreja (Ap 1.20). Em outras palavras, Jesus caminha no meio das sete igrejas para as quais o Apocalipse seria dirigido.

Uma segunda fonte de interpretação dos símbolos do Apocalipse está presente em textos e tradições judaicas. Há uma grande rede de interconexões entre a obra de João e os antigos profetas de Israel, apesar dele nunca fazer uma citação direta. A Bíblia hebraica, ou seja, o Antigo Testamento cristão constitui uma excelente base para a compreensão do Apocalipse. No capítulo 12, no momento de identificar a criança que escapou do Dragão, João o identifica como *“um varão que há de reger todas as nações com vara de ferro”* (Ap 12.5). É uma referência direta ao Salmo 2.9, que também descreve um filho como

alguém que “*regerá as nações com vara de ferro*”.

Uma terceira fonte de interpretação dos símbolos está em obras similares ao Apocalipse com as quais sua audiência seria familiar. Essa audiência provavelmente teria a expectativa de certos significados para imagens e símbolos

semelhantes. Os livros parecidos com o Apocalipse de João vieram a ser denominados pelos estudiosos de “apocalipses”. Muitos símbolos usados por João podem ser interpretados com o recurso a outros apocalipses judaicos, já que eles usaram uma linguagem bem similar.

### Significado simbólico de alguns números no Apocalipse

3 – indica a ordem espiritual e celestial
4 – indica a ordem criada, já que a terra tem quatro lados e quatro direções
6 – indica a imperfeição, já que aponta para a falha em atingir o 7, e do humano, já que ele foi criado no sexto dia da criação
7 – indica a perfeição, já que é a soma de 3 e 4
10 – indica a totalidade
12 – indica o povo de Deus, Israel, já que eram 12 tribos
3 e meio – indica o mal, pois é a metade de 7
Múltiplos e repetições indicam intensidade

Cores também têm um significado constante. O branco significa vitória e não necessariamente pureza; o preto representa sofrimento, nem sempre o mal; vermelho significa discussão e guerra. O leitor atento logo se lembrará dos cavalos do Apocalipse 6.1-8. O cavalo representa conquista; o cordeiro é o animal do sacrifício; a águia, o leão e o boi representam em suas respectivas ordens: o ar, o animal selvagem e o animal doméstico. Múltiplas cabeças significam múltiplos governos; vários chifres representam tanto o tamanho do poder quanto a quantidade de reinos. Daniel,

no Antigo Testamento, está cheio desses símbolos.

Em suma, o Apocalipse está repleto de símbolos porque seu conteúdo não tinha como ser comunicado em linguagem ordinária, do cotidiano. Depois de viajar em Espírito para o céu (Ap 1.10; 4.2) e ver coisas que Paulo descreveria como “inefáveis” (2Co 12.4), João precisou traduzir suas visões para uma linguagem acessível para os seguidores de Jesus. O resultado é um livro impactante, que comunica sua revelação em um nível distinto da fala comum. Com isso, ele não apenas informa, mas, tam-

bém, afeta profundamente aquele que se aventura a entrar nesse impressionante universo de símbolos e imagens.

## O APARECIMENTO DO FILHO DO HOMEM

A primeira seção do Apocalipse é intitulada de “Seção das cartas”. São sete cartas escritas para sete igrejas da província romana da Ásia, parte do que é atualmente a Turquia. É uma seção que começa no capítulo 1.9 e se estende até o final do capítulo 3. As cartas, propriamente, estão nos capítulos 2 e 3, já que antes João narra o seu encontro com Jesus para aqueles que ouvem o Apocalipse.

Todo discípulo de Jesus sonha em ver o seu Senhor. Isso acontece com João de uma forma maravilhosa. Ele se encontra na Ilha de Patmos em função de alguma perseguição sofrida. Ele não dá detalhes sobre a perseguição, mas esclarece que ele está na ilha por causa “da palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus” (Ap 1.9). Naquele lugar, isolado e desolado, João foi arrebatado em Espírito, no dia do Senhor, para ver o Filho do homem.

A expressão “Filho do homem” foi usada frequentemente por Jesus durante seu ministério. Sem mesmo olhar para os demais Evangelhos, estas passagens apenas de Mateus indicam que esta era a sua forma preferida de se autointitular: Ma-

teus 8.20; 9.6; 10.23; 11.19; 13.41; 16.13; 16.27; 18.11; 19.28; 24.30; 26.2; 26.64.

Em sua visão inaugural, João descreve o seu encontro com o Filho do homem, o Senhor Jesus, e o descreve por meio de símbolos que se repetirão nas cartas para as igrejas. Cada aspecto da descrição é uma afirmação cristológica:

- o cinto de ouro que cinge seu peito simboliza a realeza de Jesus;
- os cabelos brancos apontam para sua sabedoria;
- os olhos como fogo indicam seu conhecimento penetrante;
- os pés como latão reluzente reconhecem sua firmeza e estabilidade;
- a voz de muitas águas representam autoridade;
- a espada na boca é a Palavra de Deus.

Diante de uma visão como esta, não resta alternativa senão a prostração e a adoração. João se prostra em espírito diante de Jesus, visto em sua glória, e recebe dele a missão de encaminhar uma mensagem para sete igrejas (os sete castiçais) da província da Ásia.



*Todo discípulo de Jesus sonha em ver o seu Senhor*

## » A LIÇÃO EM FOCO

---

As cartas do Apocalipse manifestam diferentes perspectivas das igrejas daquela época quanto à forma de se relacionar com o contexto social. O que alguns líderes achavam ser simplesmente prática cívica, o Apocalipse descreve profeticamente como prostituição e idolatria. Isso nos indica a forma como Jesus deseja que seus filhos vivam no mundo. Ele nos manda agir sobre a sociedade como “sal da terra” e “luz do mundo”. Não é para fugir do mundo, mas agir sobre ele sem assumir seus valores, suas práticas, suas ambições. Há elementos da sociedade que são ir-reconciliáveis com o seguimento de Jesus, como a corrupção, a ganância, o prazer a qualquer custo. E, neste caso, não podemos negociar nossos valores em prol de benefícios sociais, quaisquer que sejam eles.

## » PRA TOMAR UMA ATITUDE

---

Jesus andou entre nós durante seu ministério manifestando no corpo cansaço, fome, dor e angústia. Após a ressurreição, entretanto, ele está glorificado em todo esplendor no céu. A visão do Filho do homem deve arder nosso coração em confiança no poder de Jesus para cumprir cada uma de suas promessas, especialmente a que aparece em Apocalipse 1.7: “eis que vem com as nuvens”.